



Revista
Educar Mais

Assédio no âmbito dos estágios supervisionados: entre a sujeição e o aprendizado docente

Harassment in the scope of supervised internships: between subjection and teaching learning

Acoso en el ámbito de las prácticas supervisadas: entre sujeción y enseñanza aprendizaje

Thaís Borges Moreira¹; Francisco Nunes de Sousa Moura¹; Rayanne Barroso Silva¹; Raquel Crosara Maia Leite¹; Erika Freitas Mota¹

RESUMO

O presente trabalho visou identificar a ocorrência do assédio moral e/ou sexual durante os estágios supervisionados do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas de uma Instituição de Ensino Superior do Estado do Ceará. Como técnica de coleta de dados foi utilizado um questionário semiestruturado a 68 alunos que realizavam/realizaram tal disciplina no período desta pesquisa. Obtido os resultados, percebeu-se que as estagiárias são as que sofrem os maiores índices de casos de assédio, além de terem o maior número de assediadores, porém também se demonstrou que ambos os sexos sofrem com o assédio. Neste sentido, esta pesquisa pretende fomentar maiores discussões sobre tal tema e incitar que mais trabalhos relacionados a ele sejam executados, abordando o assédio dentro e fora do contexto da Universidade.

Palavras-chave: Assédio moral; Assédio sexual; Formação de professores; Formação inicial.

ABSTRACT

The present work aimed to identify the occurrence of moral and/or sexual harassments during the supervised internships in the Biological Sciences Course of a Higher Education Institution in Ceará State. Data collection was based on a semi-structured questionnaire that was applied to 68 students who took this discipline during the period of this research. Given the results, it was found that the female interns suffered the highest rates of harassment cases, in agreement with the largest number of harassers. However, it was shown that male interns also suffered with these offensive behaviors. In this sense, this work intends to encourage more discussions as well as the execution of studies about this theme, addressing harassment inside and outside the university context.

Keywords: Bullying; Sexual harassment; Teacher training; Initial formation.

RESUMEN

El presente trabajo tuvo como objetivo identificar la ocurrencia de acoso moral y/o sexual durante las pasantías supervisadas en la carrera de Licenciatura en Ciencias Biológicas de una Institución de Educación Superior en el Estado de Ceará. Como técnica de recolección de datos, se utilizó un cuestionario semiestruturado a 68 estudiantes que realizaron / realizaron dicha disciplina durante el período de esta investigación. Una vez obtenidos los resultados, se notó que los internos son los que sufren las mayores tasas de casos de acoso, además de tener el mayor número de acosadores, pero también se ha demostrado que ambos sexos sufren acoso. En este sentido, esta investigación pretende propiciar un mayor debate sobre este tema y fomentar que se realicen más trabajos relacionados con el mismo, abordando el acoso dentro y fuera del contexto de la Universidad.

Palabras clave: Intimidación; El acoso sexual; Formación de profesores; Formación inicial.

¹ UFC - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza/CE - Brasil.

1. INTRODUÇÃO¹

A Universidade cria várias indagações sobre os mais diversos temas, é um espaço para o debate, ou pelo menos, deveria ser. Lá, ao longo da vida acadêmica vamos refletindo sobre vários temas e situações que vivemos dentro e fora dos muros da Universidade. Uma dessas temáticas é o assédio que vivenciamos na nossa sociedade.

Ao longo de todos os estágios supervisionados, homens e mulheres, relatamos a existência de situações desagradáveis vividas nas diferentes escolas que estagiamos, sendo este momento do estágio, parte tão importante da nossa formação inicial. Nós dialogávamos bastante nas nossas rodas de conversa, em espaços fora do ambiente acadêmico, e, na maioria das vezes estes e outros relatos não eram levados para as discussões dos estágios supervisionados.

Sendo assédio um tema atual e relatado dentro da própria universidade, dentro das escolas que estagiávamos, começamos a pensar o que poderíamos fazer para mudar ou minimizar os impactos que essa prática tem na vida dos estagiários e futuros docentes, então veio a vontade de produzir um trabalho com tais informações.

O assédio continuará existindo mesmo após a elaboração deste trabalho, porém ao conversarmos sobre o assunto, ao lermos e nos informarmos mais sobre o tema, ao percebermos que o assédio ocorre não apenas conosco, que não é um problema isolado, nós podemos pensar em como amenizar, ou como ainda, devemos agir em casos de situações específicas de assédio. Fingir que o assédio, seja qual for, não existe, não será nunca a maneira de solucionar o problema e jamais mudará ou fará com que ele(s) não mais exista(m).

Quando conversamos apenas entre nós, sem trazer a discussão para o ambiente acadêmico, este fica como uma bolha, um espaço inerte distantes dessa problemática. Por isso, a busca de fazer um trabalho como este, também se fez necessário, para que mais literatura a respeito possa existir, e para que mais trabalhos assim, mostrem a realidade de estagiários e estagiárias.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O assédio pode existir em todas as instituições, sejam elas escolas, universidades e até mesmo no próprio ambiente de trabalho e, infelizmente, muitas vezes essa situação acaba não sendo encaminhada da forma que deveria ser tratada, sob o pretexto da tolerância de maneira complacente, indiferente e omissa (FREITAS, 2001).

Muitas vezes a violência que reside dentro das escolas está continuamente relacionada a fatores extrínsecos ao ambiente escolar e a escola acaba se tornando um pequeno reflexo da comunidade na qual está inserida. No entanto, apesar dos fatores serem externos, estes acabam afetando não somente os estudantes da escola, mas também, todos que estão sujeitos a situações de violência no âmbito escolar, como professores, estagiários e outras pessoas que trabalhem no local (LEVANDOSKI, 2011). As intervenções para estas situações de violência podem estar além da competência e capacidade das entidades de ensino e de seu quadro de empregados.

Vários são os fatores existentes na sociedade globalizada que acabam facilitando a manipulação do trabalhador, por exemplo. São estes: o individualismo, a busca ao lucro acima de tudo, a violação da dignidade humana, o medo e a insegurança (MEURER; STREY, 2012).

2.1. Tipos de assédio

É importante entender os diferentes tipos de assédios, para depois procurar por maneiras de combatê-los. Trataremos aqui do assédio moral e do assédio sexual. De acordo com Heloani (2004, p. 5), o assédio moral ocorre quando existe intenção de desqualificar a vítima, de maneira deliberada e constante, enfraquecendo-a psicologicamente, podendo levar a vítima a uma despersonalização. Trata-se, portanto, de um processo disciplinador em que a vontade da vítima se anula à vontade do agressor, pois este considera o alvo de seus ataques como uma ameaça.

Existem vários aspectos que caracterizam o assédio moral, um deles é a repetição dele ao longo do tempo. São atitudes, palavras, olhares, comportamentos que podem ser vistos como inofensivos ao serem analisados separadamente, mas que ao se tornarem repetitivos configuram-se ofensivos (CHECCHIA, 2016).

O conceito de assédio moral muda de acordo com cada país. Por exemplo, nos Estados Unidos, ele é caracterizado como uma prática em que existe um abuso de poder e normalmente ocorre no emprego, tendo como o objetivo principal a perseguição da vítima (CARAN, 2007). O assédio pode ser conhecido por diversos nomes ao redor do mundo (SOARES; DUARTE, 2014).

Diversas expressões têm sido utilizadas em diferentes países para designar o fenômeno. Na França – Harcèlement moral (assédio moral), Itália – molestie psicologiche, – na Inglaterra, Austrália e Irlanda - Bullying, Bossing, Harassment (tiranizar), nos Estados Unidos, Países nórdicos, bálticos e da Europa Central – Mobbing (molestar), no Japão – Murahachibu (ostracismo social), em Portugal – Coacção moral, nos países hispânicos – Acoso moral, acoso psicológico ou psicoterrorismo, no Brasil – Assédio moral, assédio psicológico, mobbing (GUIMARÃES, 2006).

Para Checchia (2016, p. 20), o assédio moral manifesta-se de modos diferentes: vertical ascendente descendente horizontal e misto. O vertical ocorre quando a relação de trabalho é marcada pela diferença de posição hierárquica, sendo o ascendente quando um subordinado ou um grupo de subordinados se revoltam contra o chefe, já para o descendente, o assédio é praticado por hierarquia superior. Para o assédio horizontal, não existe uma relação hierárquica como no caso anterior, ou seja, ocorre entre colegas de trabalho sem relação de subordinação. Por último, temos o assédio misto, que consiste na compilação do assédio moral vertical e do horizontal, ou seja, a pessoa é assediada por superiores hierárquicos e também por colegas de trabalho com os quais não mantém relação de subalternidade.

O fenômeno do assédio moral começou a despertar mais interesse e preocupação entre os pesquisadores das mais diversas áreas, pois se trata de uma forma de agressão disfarçada e de difícil forma de se comprovar, que vem destruindo cada vez mais os ambientes de trabalho e convívio social, bem como a saúde psíquica e física de seus trabalhadores, afetando não só este ambiente de trabalho, mas todos os ambientes que a vítima frequenta (CHECCHIA, 2016, p.11).

O assédio moral não pode ser confundido com o assédio sexual. Para Melo (1999), o assédio sexual pode envolver uma variedade de circunstâncias, entre as quais: a vítima, assim como o assediador, pode ser mulher ou homem. Ou seja, independe do sexo para ser a vítima ou o agressor do assédio e a vítima não precisa ser necessariamente do sexo oposto.

Pelo artigo 216-A do Código Penal Brasileiro caracteriza-se assédio sexual todo ato que objetiva “constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o

agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função” (BRASIL, 2001, art. 216-A).

Ainda que os assédios morais e sexuais estejam com a mesma matriz hierárquica assimétrica e caracterizada pelo abuso de poder, eles possuem objetivos diferenciados. De acordo com Barreto (2005), 12,4% dos casos de assédio moral no Brasil começam como assédio sexual, e à medida que o agressor não obtém êxito em suas investidas, estes passam a tratar a vítima de maneira não confiável.

À medida que as sociedades se democratizam, os indivíduos, aliados ao maior acesso à informação, ficam mais conscientes de seu papel como cidadãos, tornando mais difícil a convivência com práticas repressivas e autoritárias. O direito a recorrer de uma decisão ou prática injusta, ou considerada injusta, é garantido em quase todas as sociedades modernas (FREITAS, 2001). Portanto, cada vez mais existem casos de denúncias dos mais diversos tipos de assédio, e isso é fundamental para combatê-los.

2.2. A Legislação em relação ao assédio

O princípio da dignidade humana é o maior entre todos os princípios, o que leva ao raciocínio de que todos os direitos e liberdades fundamentais nascem do princípio da dignidade humana. A exposição do trabalhador a situações abusivas, com pressões psicológicas desumanas e condições precárias de trabalho, representa violação ao princípio da dignidade humana, o que fundamenta a tutela jurídica do assédio moral.

Este princípio da dignidade humana preconiza hoje, que deve ser garantido um ambiente saudável, com satisfação em seu trabalho, e que promova assim o bem estar do trabalhador. No Brasil, ainda não há uma legislação unificada tratando do tema, entretanto encontram-se leis esparsas municipais e estaduais, as quais definem e coíbem o assédio moral (SOARES; DUARTE, 2014).

A Reforma Trabalhista no Brasil² que ocorreu em 2017 trouxe para a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) a definição de um limite para as indenizações dos trabalhadores. Os danos extrapatrimoniais, que podem ser definidos no Artigo 223 da CLT como “[...] a ação ou omissão que ofenda a esfera moral ou existencial da pessoa física ou jurídica, as quais são as titulares exclusivas do direito à reparação.” (BRASIL, 2017, art. 223). Antes da reforma, não existia um limite estabelecido para as indenizações, ficando o valor a cargo da interpretação subjetiva jurídica.

Agora, caso os trabalhadores brasileiros se sintam ofendidos em seus ambientes de trabalho por agressões a sua moral, sexualidade, intimidade, honra, integridade física etc, as indenizações não podem ultrapassar o valor de 50 vezes o último salário da vítima em situações julgadas como gravíssimas (BRASIL, 2017). Todas essas mudanças foram criticadas por especialistas quando o texto estava em discussão³, pois delimita um valor para interpretações de questões e valores humanos.

Como nesse trabalho será abordada a problemática do assédio nos estágios supervisionados, no próximo tópico serão destacados alguns aspectos desse importante momento da formação docente.

2.3. A importância dos estágios

Quanto aos estágios, para Lima e Pimenta (2005), o estágio sempre foi denominado a parte prática dos cursos de graduação com objetivo de formação de profissionais em geral, porém o estágio deveria

ir além disto, colocando o desenvolvimento do estágio como uma atitude de investigação, porém o estágio deveria ir além disto, oportunizando o desenvolvimento de uma atitude de investigação, reflexão e intervenção na vida da escola, dos professores, dos alunos e da sociedade. O estágio como atividade de pesquisa já se encontra presente em práticas de grupos isolados. No entanto, entende-se que é preciso assumir este estágio como um horizonte ou utopia a ser conquistada nos projetos dos cursos de formação. Reduzir os estágios apenas como o momento de execução da prática docente é colocá-lo como algo mecânico, sem nenhum tipo de reflexão das práticas de ensino e do aprendizado, para que a partir da observação em sala de aula os estagiários possam repetir os modelos e práticas de outros docentes. O estágio deveria contribuir para que o futuro professor pudesse questionar e elaborar seu próprio modelo de ser a partir da análise crítica do que observa e como aquela experiência pode ser reelaborada, ressignificada para ele.

2.4. Os estágios supervisionados do curso de Biologia

O curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UFC conta em seu currículo a presença de quatro estágios supervisionados obrigatórios, estes iniciados a partir do quinto semestre. Os estágios são, respectivamente: Estágio Supervisionado Ensino Fundamental I (ESEF I), Estágio Supervisionado Ensino Fundamental II (ESEF II), Estágio Supervisionado Ensino Médio I (ESEM I), Estágio Supervisionado Ensino Médio II (ESEM II).

Cada estágio tem duração de 100 horas, e conta com a capacidade de receber até 25 alunos por turma. Durante o estágio na escola, o aluno deve levar uma frequência e anotar as atividades desenvolvidas que podem ser individuais ou em duplas. Sendo esta frequência assinada pelo professor supervisor da escola, comprovando assim a veracidade das atividades desenvolvidas.

Durante o estágio, 20 horas serão apenas para a observação; sendo destas 20 horas, 4 horas para a análise de documentos do colégio, 6 horas de observação da rotina escolar, 4 horas para a análise de estrutura física e 6 horas de observação das aulas de Biologia, sendo a turma escolhida de acordo com cada estágio (ESEF I cobrirá aulas de 6º e/ou 7º ano; ESEF II turmas de 8º e 9º ano; ESEM I aulas do 1º e/ou 2º ano e ESEM II apenas 3º ano. Caso a escola escolhida pelo aluno não tenha disponibilidade ou horários compatíveis com os estagiários do ESEM II estes poderão trabalhar com turmas de 2º ano, caso não tenham executado seu estágio ESEM I com tal turma.

Ainda no período estágio, 12 horas serão de regência, sendo 4 dedicadas ao planejamento das atividades e 8 horas em aulas ministradas pelo estagiário, estas também podendo ocorrer individuais ou em dupla.

Mais 36 horas serão dedicadas à produção teórico prático dos estágios, na elaboração de diários de estágio (relatos e reflexões de suas práticas), criação de planos de aula e produção de um relatório final da disciplina.

As outras 32 horas restantes são utilizadas para encontros presenciais com o professor coordenador da disciplina de estágio na UFC. De acordo com a Agência de estágio da UFC e com a Lei 11.788 de 2008⁴, os estágios devem ocorrer em qualquer período durante a semana, não devendo haver choque com outras disciplinas que o aluno estiver cursando no semestre. Recomenda-se ainda que os alunos realizem suas atividades nos horários condizentes com as atividades rotineiras do curso. Assim, como o curso de Biologia é integral (manhã e tarde, apenas) não deverá haver estágio no período noturno.

Ao final do estágio, o professor Supervisor da escola deverá receber uma ficha de avaliação do aluno fornecido pela Coordenação do curso, onde avaliará o estagiário de acordo com sua performance ao longo de todo o estágio. Também compõe a nota do aluno o relatório final e os diários com os planos de aula.

O presente trabalho visou estudar a possível ocorrência de assédio moral e/ou sexual durante os estágios supervisionados do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Ceará. Na cadeia do encaminhamento para o estágio nas escolas, alguns pontos podem ser listados, tais como, não existir nenhum acompanhamento prévio da chegada/ primeiro contato destes estagiários com a escola, não haver discussão sobre assédio moral e sexual durante a licenciatura e nenhum esclarecimento de quem ou qual órgão procurar se sofrer assédio moral e/ou sexual durante seus estágios obrigatórios de docência. Esses fatores fizeram com que houvesse um interesse ainda maior para se trabalhar com este tema que é de fundamental importância e extremamente relevante no contexto das licenciaturas.

3. METODOLOGIA

Esta averiguação científica é caracterizada do tipo exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa. Conforme Gil (2017, p. 41), as pesquisas exploratórias “[...] têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias [...]”, enquanto as descritivas objetivam “estudar as características de um grupo” (GIL, 2017, p. 42), proporcionando uma maior aproximação com os objetos de estudo. Isso é fundamental para identificar e descrever os caracteres e as realidades dos estagiários em seus campos de atuação.

Segundo Dal-Farra e Lopes (2013), a abordagem quali-quantitativa corresponde à junção das abordagens qualitativas e quantitativas, abrangendo e contribuindo as potencialidades e peculiaridades de cada uma delas, gerando respostas mais contornadas aos problemas investigados nas pesquisas em estudo. De acordo com Gomes e Araújo (2005, p. 10), a abordagem quali-quantitativa é exemplificada que “[...] de maneira análoga se pode dizer que elas são como matéria e espírito, que embora tenham naturezas diferentes formam um só corpo”, comportando-se como mais relevante para a atual proposta investigativa.

Seguindo a linha de raciocínio, o presente estudo buscou identificar e descrever a realidade de estagiários (homens e mulheres) de um curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, ofertado pela Universidade Federal do Ceará (UFC), quanto aos enfrentamentos de assédio moral e/ou sexual durante a realização dos estágios supervisionados. A seleção dos participantes se deu a partir de um levantamento, com a coordenação do curso, das matrículas ativas na disciplina de estágio, o que norteia a escolha por estagiários que realizavam/realizaram tal componente curricular.

Para a coleta de dados, utilizou-se um questionário semiestruturado, baseado e adaptado de Caran (2007). No tocante a maior fidelidade deste material, ele foi aplicado previamente com 14 bolsistas de iniciação à docência do curso de Ciências Biológicas devido as suas inserções nas escolas durante a graduação. Com base nesta experiência, realizaram-se mudanças no questionário piloto, tais como: o quantitativo de questões, o número e a escrita de determinados itens, bem como o atendimento a uma das sugestões referente à adição da modalidade Entrevista, caso o participante preferisse falar ao invés de escrever o relato.

Neste sentido, o questionário, acompanhado de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), teve 16 indagações objetivas e/ou subjetivas. O material possui dois diferentes aspectos dos pesquisados, sendo o primeiro de teores pessoais (idade, sexo biológico, orientação sexual) e o segundo de vertente acadêmica no percurso dos estágios (relato das ações de assédio moral ou sexual sofrido).

Em consequente, os dados foram interpretados mediante a Análise de Conteúdo de Bardin (2011). Como forma de apresentação dos dados tabulados, estes foram organizados em gráficos e tabelas, foram relacionadas de acordo com sua frequência absoluta, relativa e de forma descritiva. Também foram utilizados trechos das questões subjetivas a fim de refletir sobre os estágios a partir dos relatos dos estagiários.

Para identificação dos participantes, utilizaram-se letras e números, de modo que quando o sexo era feminino, se identificou como "F" e masculino como "M". Já a numeração ocorreu de maneira aleatória, sem disposição prévia.

É precípuo destacar que a presente investigação científica seguiu os preceitos éticos preconizados pela resolução de número 466/2012 do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) com Seres Humanos. Para tanto, o trabalho foi submetido para a apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP – da Universidade Federal do Ceará (UFC), sendo aprovado para execução, tendo número de parecer 1.817.364 e o de CAAE 61097216.7.0000.5054.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa foi realizada com os 68 estudantes identificados pela coordenação de curso. Após a detecção do público-alvo da pesquisa, eles foram abordados na disciplina de estágio e em outros espaços dentro da instituição de ensino superior (IES) para resolução do questionário. Obtido os resultados, organizaram-se os primeiros dados do perfil de acordo com a idade, a orientação sexual⁵ e o sexo biológico, como são perceptíveis na Tabela 1.

Tabela 1. Perfil dos estudantes entrevistados

	Participes	Orientação Sexual			Demais
		Heterossexual	Homossexual	Bissexual	Informações
					Média das Idades
Feminino	41	35	-	6	23,53
Masculino	27	17	7	2	23,55
Total	68	52	7	8	-

Fonte: Elaborada pelos autores.

Observa-se uma diversidade de sujeitos pertencentes nesta pesquisa. Todos os candidatos estavam acima do 5º Semestre da graduação, existindo pelo menos 4 representantes de cada semestre entre o 5º ao 10º semestre. Os estudantes acima do décimo semestre foram contabilizados como a categoria "10º ou acima", e nesse caso, foram 18 dos 68 participantes.

Na Tabela 2 estão descritas as respostas em relação aos estágios que já foram cursados pelos participantes (pergunta 1 do questionário), os quais podem ter realizado o Estágio Supervisionado I

(ESEF I) ou o II (ESEF II) e/ou o Estágio Supervisionado do Ensino Médio I (ESEM I) ou o II (ESEM II). Nesta trajetória, verificou-se novamente a heterogeneidade existente entre os estudantes.

Tabela 2. Estágios cursados pelos participantes.

Estágios	Razão	Porcentagem (%)
ESEF I	65/68 ⁶	96
ESEF II	53/68	78
ESEM I	38/68	56
ESEM II	26/68	38

Fonte: Elaborada pelos autores.

Conforme a Tabela 2 há participantes dos quatro estágios ofertados pelo curso de Ciências Biológicas. Tais informações foram fundamentais para subsidiar os achados da presente pesquisa, identificando dentro deste público os principais focos de assédio. Neste processo, dividimos as próximas etapas em dois subtópicos um sobre assédio moral e o outro quanto ao assédio sexual. Assim, iniciamos o próximo subtópico relacionado ao assédio moral.

4.1. Os enfrentamentos do assédio moral

A primeira indagação deste subtópico foi se os pesquisados já sofreram algum assédio moral. A maioria dos licenciandos respondeu que não havia sofrido nenhum assédio moral, tanto para homens (89%) como para mulheres (85%). Aos 11% dos homens e 15% das mulheres que afirmaram ter sofrido assédio moral, solicitou-se as especificidades de assédio sofrido, tais como insultos verbais, além de humilhação, constrangimento dentre outros, respectivamente, expostos nas perguntas 3, 4 e 5 (Tabela 3).

Tabela 3. Especificação dos assédios sofridos.

	Homens		Mulheres	
	Valores dados em %			
	Sim	Não	Sim	Não
Insultos verbais por parte dos alunos	30	70	22	78
Insultos verbais pelos supervisores ou pela coordenação da escola	-	100	7	93
Menosprezo, humilhação ou constrangimento repetitivamente	15	85	27	73

Fonte: Elaborada pelos autores.

No momento da análise dos questionários foi percebido que alguns participantes que marcaram “NÃO” para a pergunta 2, depois marcavam que sofreram algumas situações que remetem o assédio moral, demonstrando que alguns estudantes podem não considerar tais situações como assédio moral, ou que ainda estes não detinham de conhecimento para caracterizar tais atos como assédio. Durante a aplicação do questionário, muitos alunos também questionaram sobre o que de fato se tratava o assédio moral, e se determinadas situações vividas seriam de cunho deste tipo de assédio.

Trabalhos similares apontam que o conceito de assédio moral está insuficientemente claro para partes da população em que se aplicam as pesquisas (PEDROSO et al., 2006). Saliendo ainda mais a importância de trabalhos como este, em que se pode conseguir informar, discutir e enriquecer ainda mais a discussão sobre o tema. As pessoas que participaram da pesquisa acabaram por, além de fornecer dados para a mesma, também a aprender e/ou fortalecer seu conhecimento sobre o assunto.

Para Couto e Paschoal (2020) deveria existir uma maior preocupação por partes das empresas e demais instituições sobre essa temática. No momento de se contratar um funcionário, a empresa deveria analisar a conduta do novo funcionário e se este estaria devidamente preparado para conviver e lidar com o poder de liderança nas mãos. Assim, a temática talvez tivesse maior visibilidade e menos casos ocorreriam.

Em seguida, questionou-se sobre o sexo biológico do seu agressor, sendo que os homens e as mulheres apresentaram resultados distintos. Observa-se que para as mulheres, o assédio sofrido foi por agressores homens, mulheres e de ambos os sexos. Já para os homens, quando houve assédio, esse se deu por outros homens ou por ambos os sexos. As particularidades das respostas estão descritas na Tabela 4.

Tabela 4. Sexo do agressor.

Sexo do agressor	Homens	Mulheres
	Valores dados em %	
Masculino	11	15
Feminino	-	7
Ambos	11	10
Não fui assediado	78	68

Fonte: Elaborada pelos autores.

Identificou-se ainda que 78% dos estudantes do sexo masculino relataram não ter sofrido assédio, em comparação com 68% das estudantes. Esses resultados corroboram com Pedroso (2006), no qual aponta que as maiores vítimas de assédio moral são de fato as mulheres. Observou-se igualmente que os homens e as mulheres são assediados mais por homens do que por mulheres. Esse caráter de assediador masculino está relacionado a todo um contexto histórico e social, em que os mais fortes sempre tiveram papel dominador sobre os considerados mais fracos, e também pelo fato de os homens sempre terem sido representados como superior às mulheres, reproduzindo o favorecimento dos homens em detrimento às mulheres.

Uma vez também que o assédio moral apresenta exatamente este perfil de agressor como alguém que diminui de maneira repetitiva a vítima, vítima essa que tende a ter um perfil de pessoa dominada (ALVES, 2015). Na realidade apresentada, constata-se o sofrimento de assédio moral pelos pesquisados em seus campos de estágio. A seguir organizaram-se os informes sobre o assédio sexual.

4.2. Os enfrentamentos do assédio sexual

O segundo subtópico desta seção iniciou indagando aos pesquisados se já tinham sofrido algum assédio sexual. Do quantitativo de pesquisados, observou-se que a maioria das alunas (63%) e dos alunos (67%) não sofreu nenhum assédio sexual durante o período dos estágios supervisionados. Ao comparar os resultados desta subseção com os dados anteriores, identificou-se que os estudantes relataram ter sofrido mais assédio sexual do que assédio moral dentro dos estágios supervisionados. Isso é preocupante no que diz respeito à integridade física e psicológica dos estudantes do curso de Ciências Biológicas.

Vários trabalhos analisam justamente os riscos à saúde mental de pessoas que sofrem tais assédios. Freire (2009) avaliou a saúde mental dos trabalhadores e constatou que nas mulheres, que são as

maiores vítimas do assédio moral, o surgimento de enxaquecas crônicas, distúrbios hormonais e mentais, como depressão ou transtorno de pânico, e isso, infelizmente, são bastante comuns. E para o assédio sexual temos que este também pode causar traumas psicológicos que podem ser altamente profundos (ALVES, 2015).

Mesmo que menos da metade dos estudantes tenham dito que sofreram assédio, este número ainda é preocupante, uma vez que foi visto as consequências negativas e possíveis danos causados às vítimas. Na busca por referências bibliográficas, ficou nítido que vários trabalhos apontam para os riscos de um assediador dentro de ambientes de trabalho, locais onde as pessoas já estão sob determinado estresse (FREIRE, 2008). Vale ressaltar que os estágios se enquadram nesses ambientes, daí a maior necessidade de se observar mais de perto onde os alunos estão estagiando, em que contexto social aquela escola que o estagiário frequenta se enquadra etc.

As respostas para as situações de assédio sexual sofridas durante o estágio (pergunta 8) foram expostas na Tabela 5. Ressalta-se que os itens E (exibição de órgãos sexuais pelo agressor) e F (relações sexuais impostas) não foram selecionados por nenhum participante e, portanto, não foram colocados nas respectivas tabelas.

Tabela 5. Situações de assédio sofrido por sexo.

Masculino		
Itens	Valores Encontrados	Percentual %
Assobios/Chamados	4/11	36
"Cantadas"	2/11	18
Assobios/Chamados e "Cantadas"	3/11	27
Assobios/Chamados, "Cantadas" e Bloqueio de Percurso	1/11	09
Assobios/Chamados, "Cantadas", Bloqueio de Perguntas e Conversas Obscenas	1/11	09
Feminino		
Itens	Valores Encontrados	Percentual %
Assobios/Chamados e "Cantadas"	10/19	53
"Cantadas"	5/19	26
Bloqueio de Percurso	1/19	05
Assobios/Chamados, "Cantadas" e Conversas Obscenas	1/19	05
Cantada e Bloqueio de Percurso	1/19	05
Assobios/Chamados, "Cantadas", Bloqueio de Perguntas e Conversas Obscenas	1/19	05

Fonte: Elaborada pelos autores.

É precípua destacar que em análise ao primeiro questionamento deste subtópico, apenas 37% das mulheres disseram ter sofrido assédio sexual, porém 46% marcaram na pergunta 8 situações que remetem ao assédio sexual, ou seja, novamente foi percebido que alguns participantes que marcavam

“NÃO” para a pergunta relacionada ao fato de terem sofrido assédio sexual, depois marcavam que sofreram situações de assédio sexual, demonstrando que para muitos aquilo não era considerado assédio, ou pior, que não sabiam que aquelas eram situações ligadas ao assédio sexual. Entre os homens, 41% marcaram situações de assédio enquanto apenas 33% haviam declarado ter sofrido este tipo de assédio.

Existem várias definições do que seria este assédio, umas mais abrangentes que outras, porém todas convergem no sentido de que se o assediador cria situações intimidadoras para a vítima, logo, esta vítima está sofrendo assédio sexual (MELO, 1999). Sendo assim, todas as categorias colocadas são sim de cunho de assédio sexual, sem relativismo.

Em seguida, estruturou-se na tabela 6 com as respostas das perguntas 9 e 10. Os estudantes estagiários que temeram por sua integridade física e quiseram compartilhar o motivo escreveram em sua maioria que temiam principalmente por não saber com quem estavam lidando dentro da escola e seus arredores; por alguns alunos já serem conhecidos por utilizarem drogas ilegais; por já terem vivido situações similares em outros estágios, e ainda, porque os próprios alunos relatavam casos de violência sofrida por parte de alguns estudantes.

Já entre as estagiárias, as principais situações de medo foram relacionadas a investidas físicas e verbais por parte dos assediadores; por repreenderem um aluno e por não saber qual a reação destes; além de algumas conversas relacionadas a armas e agressões e novamente, por não conhecer o perfil dos alunos.

Tabela 6. Intimidação por alunos e ferimento da integridade dos estagiários.

Questões 9 e 10, respectivamente	Homens		Mulheres	
	Valores dados em %			
	Sim	Não	Sim	Não
Você já foi intimidado?	11	89	17	83
Você já temeu por sua integridade física ao repreender o aluno?	30	70	24	76

Fonte: Elaborada pelos autores.

Pode-se perceber que muitos dos estudantes dos estágios temem por sua integridade física dentro da escola (Tabela 6). Existem inúmeros trabalhos apontando que a violência dentro do ambiente escolar é real e que ainda é um tema bastante delicado dentro e fora de sala de aula, geralmente estes trabalhos colocam os alunos como os principais agressores (CORREA; PIOTTO, 2007).

Porém, deve-se observar que, até mesmo os trabalhos que tratam deste tema principalmente a partir das práticas tidas como violentas por parte dos estudantes da escola, não deixam de mencionar a violência que o próprio colégio exerce contra eles, discutindo o papel ou a contribuição da escola nesse contexto (CORREA; PIOTTO, 2007). Ao omitir, ao não questionar ou buscar o debate de temas como este, a escola contribui para que casos como de assédio ocorram dentro e fora dos muros escolares.

Novamente foi questionado qual era o sexo do seu agressor, só que dessa vez para a situação de assédio sexual, onde os estagiários poderiam marcar mais de uma categoria. O resultado foi exposto na tabela 7. Para os homens, existiu uma predominância de agressoras, além de haver 11% que foram assediados por homens e mulheres. Já para as mulheres entrevistadas, na maior parte das vezes que foi assediada, seu agressor era do sexo masculino.

Tabela 7. Sexo do agressor.

Sexo do agressor	Respondentes Homens	Respondentes Mulheres
	Valores dados em %	
Masculino	4	34
Feminino	22	2
Ambos	11	5
Não fui assediado	63	59

Fonte: Elaborada pelos autores.

Não se podem delimitar as vítimas do assédio sexual apenas ao grupo feminino, uma vez que fica nítido que ambos os sexos sofrem com este tipo de assédio, porém, como já relatado, a discriminação da mulher pelo homem em virtude do poder que os homens acreditam exercer sobre as mulheres já é algo historicamente existente. Tal situação, portanto demonstra que o machismo ainda é bem presente na nossa sociedade e que este comina em agravar ainda mais os casos de assédio sexual vividos no cotidiano das mulheres (ALVES, 2003).

Para alguns autores, justificar a existência de assédio unicamente pela dominação patriarcal é insuficiente para dar conta das mudanças que vêm ocorrendo nos diferentes papéis que as mulheres em situação de violência têm assumido. O que existe de fato é uma relação de poder, entendendo-se que este poder não ocorre apenas de forma absoluta e estática, exercido via de regra pelo homem sobre a mulher, como se faz a abordagem da dominação patriarcal. Isso é algo dinâmico e relacional, exercido tanto por homens como por mulheres, ainda que de forma desigual (SANTOS; IZUMINO, 2014).

Como uma forma de conhecer os assediadores, solicitou-se aos pesquisados que citassem os personagens que praticam os atos de assédio. Os participantes tiveram distintas opções para elencar, por todos os sujeitos pertencentes as instituições de ensino básico, como é possível observar na Tabela 8. Salienta-se que eles puderam marcar mais de uma opção.

Tabela 8. Categorias dos agressores de assédio sexual⁷.

Agressor	Homens	Mulheres
	Valores dados em %	
Docente da escola	18	17
Aluno	82	78
Coordenador	-	6
Diretor	-	-
Outro (porteiro)	-	11

Fonte: Elaborada pelos autores.

Observou-se que estagiários de ambos os sexos sofreram com o assédio sexual principalmente por alunos. Esse fato deve nos levar a refletir sobre o porquê de jovens estudantes estarem assediando os (as) estagiários (as).

Para Osório (2007), a violência sexual é conhecida e aceita até certo ponto dentro dos limites da escola. E a própria escola ao não definir o assédio como uma expressão do poder masculino e de

violência sexual, sejam quais forem as circunstâncias e mesmo nos casos em que as próprias alunas da escola assediam os professores, a educação escolar está a contribuir com toda a legitimidade que possui, para a naturalização da violência de gênero. Em seu trabalho também relata como as próprias mulheres se permitem ser assediadas, no sentido de que elas não denunciam, podendo abranger isso para os homens (OSÓRIO, 2007). E assim, os alunos percebendo esta impunidade, esta omissão, estão livres para refletir atos machistas e de cunho patriarcal.

Paixão et al. (2013) relatam que algumas causas podem estar relacionadas ao assédio dentro da relação aluno/professor, sendo esta relação aqui extrapolada para a relação aluno/ estagiário. Dentre as causas citadas encontram-se a influência de mídias televisivas e a sua programação desrespeitosa de caráter agressivo; a influência da Internet, uma vez que esta acaba permitindo que os jovens acessem os mais variados textos e mensagens, sendo estas muitas vezes de caráter inadequados para o seu desenvolvimento psicológico; além do nível socioeconômico da família, que culmina com a vivência em ambiente negativo para os jovens.

Destacamos que as mulheres apresentam uma maior quantidade de perfis de agressores, desde o aluno da escola até o porteiro que trabalha nela. Como foram citados anteriormente, os homens são seus principais assediadores, e, portanto, uma das causas que pode estar relacionada com o fato de as mulheres terem mais categorias de agressores é que os homens também ocupam mais cargos dentro da escola.

Portanto, se a própria escola está se omitindo com relação a este tema, e assim, os assediadores percebem que não serão punidos, que não haverá nenhuma consequência com relação aos seus atos, resta para as próprias vítimas o papel mais importante deste processo: não se omitir, não se calar, não acreditar que aquilo é natural, pois não é. Na tentativa de obter maiores detalhes dos casos de assédio ou especificações além do questionário, a próxima subseção mostra reflexões acerca destes casos na opinião dos pesquisados.

4.3 Reflexões e relatos dos participantes

Para a última parte do questionário, foram analisados os aspectos relacionados ao próprio estágio supervisionado, trazendo uma reflexão do que se pode fazer para amenizar esses casos presentes no âmbito dos estágios, nesta etapa fica nítido que nenhum dos participantes acredita que tenham sido preparados dentro da sua formação para lidar corretamente com as mais variadas formas de assédio, principalmente para os estágios supervisionados, momento esse que os licenciandos se sentem "vulneráveis" por não pertencer ao ambiente escolar e estarem de forma temporária, cedida e de comum acordo nas escolas.

Ainda foi questionado aos estudantes como eles acreditavam que o componente curricular de Estágios Supervisionados poderia trabalhar essa temática e assim melhorar essa situação dos futuros docentes.

As respostas não divergiram entre si, basicamente os estagiários sugeriram trabalhar relatos de casos, troca de experiências e discutir o tema durante as reuniões dos estágios, convidando profissionais como Psicólogos para palestrar; fazer intervenções nas próprias escolas; além de criar grupos de estudo sobre tal temática. Foi sugerido o incentivo a denúncia de agressão; um acompanhamento melhor e mais próximo nos primeiros dias de estágio das pessoas que estão em seu primeiro estágio

supervisionado; e abordar tais temas nas disciplinas de Instrumentalizações Para o Ensino de Ciências (IPEC's), uma vez que estas são disciplinas de pré-requisitos para os estágios.

Destacamos uma opinião que de modo geral resume o que a maioria disse:

M.1: [...]O diálogo entre o professor da UFC e os alunos é essencial como um primeiro passo para trazer mais segurança para os estagiários.

Salientamos que o comprometimento pessoal com a própria formação acadêmica é importante, uma vez que se costuma criticar as abordagens escolhidas pelos professores, ou às vezes a conduta dos próprios professores em sala, mas, muitas vezes, evitamos realizar a autoanálise, a autocrítica, a análise de como poderíamos atuar nestas situações. De nada adiante o professor supervisor levar diferentes abordagens se os próprios alunos também não estão engajados com esta proposta. É uma via dupla. Além do mais, já foi visto que as vítimas que se omitem estão contribuindo para que esse cenário de assédio não mude. Assim, precisamos promover o encorajamento das vítimas, para que essa realidade possa ser mudada.

O lugar em que ocorrem os estágios ultrapassa a sala de aula e ganha novas dimensões: o bairro, a região industrial, o centro da cidade, as praças, os parques, as áreas de conflito urbano/rural, os grupos organizados, hospitais, creches, asilos e outros tantos espaços de produção que acompanham a modificação do espaço (BUENO, 2005). Ou seja, saber onde a escola em que estão colocando os estagiários é fundamental para que se possa trabalhar os mais diversos assuntos. Como se pode mudar as realidades de assédio se nem mesmo sabe-se onde estes estagiários e estagiárias ficarão durante seus períodos de estágio? Na situação investigada nenhum dos professores escolheu quais escolas se deve estagiar, sendo obrigação dos próprios estagiários procurarem escolas acessíveis aos seus horários disponíveis. Fica nítido nos relatos que várias escolas não estão preparadas para receber os estudantes.

Um estudante também respondeu em seu questionário que a situação vivida de assédio, não somente está ligada ao despreparo dos estagiários, mas também ao contexto social que a sociedade está inserida.

F.3: Acredito que a questão do assédio está muito ligada ao machismo presente na vida dos alunos, principalmente homens, e por esses alunos não levarem a sério o trabalho dos estagiários [...].

Na resposta da pergunta 14, onde se deixava espaço para os estagiários e estagiárias descreverem, caso desejassem, algum tipo de situação constrangedora vivenciada durante o estágio. Destacamos alguns relatos para posterior discussão.

M.2: Estava indo para a sala dos professores quando notei que um aluno estava tirando fotos minhas.

M.3: Muitas vezes eu evitava ir ao banheiro com receio de alguma menina entrar e ficarmos em situação desconfortável.

M.4: Uma aluna bloqueou meu caminho uma vez e disse que adoraria aproveitar meu corpo a sós.

M.5: Uma aluna, certa vez disse que me achava bonito e começou a passar a mão na minha barriga e disse outras vezes que me amava.

Dentre estes, outros 9 relatos de assédios foram registrados entre os estagiários. Já entre as estagiárias, 17 quiseram compartilhar. Nos relatos delas, assim como nos deles, a maioria dos assédios eram de cunho sexual. Transcrevemos um relato de assédio moral e conotação sexual.

F.1: Estava em meu primeiro dia de estágio quando tentava explicar o projeto e um aluno perguntou se eu queria comer uma 'banana' e mandou eu tirar a 'laranja' da boca. Além de me chamar de burra.

Já outro transcrito demonstra como muitas escolas não estão preparadas para receber os estagiários e confundem os papéis a serem executados naquele espaço.

F.2: Em um dos estágios supervisionados no qual estava no período de observação na escola, a coordenadora foi até a sala de aula e exigiu que as estagiárias ajudassem a professora na aplicação de prova dos alunos, alegando que as estagiárias estavam lá para ajudar à escola, dando a entender que (não) fazíamos nada.

É sabido dos perigos para a saúde mental das pessoas que sofrem assédio moral e sexual, e, portanto, diante de tantos casos relatados, mostra-se que os estágios supervisionados podem acarretar problemas psicológicos e físicos para os estudantes expostos a estas situações desagradáveis.

Para a última questão, que perguntava se o estagiário já havia presenciado uma situação de assédio moral/sexual na escola durante o seu estágio, foram registrados 12 relatos dos homens com relação a situações que eles haviam presenciado, e 18 relatos foram expostos entre as mulheres. Os relatos assemelhavam-se ao que já foi relatado nos depoimentos anteriores.

Na literatura consultada, o que encontramos é que o primeiro passo para se evitar a ocorrência de assédio, seja qual for, é a prevenção desta situação, utilizando medidas públicas e jurídicas que demonstrem que o assédio é uma conduta repulsiva. E caso ele ocorra, a vítima deve informar diretamente ao assediador que sua postura não é desejada e que deve ser interrompida imediatamente (MELO, 1999).

Mas não deve partir apenas da vítima o combate aos assédios. Como Freitas (2005) aponta os assédios e suas situações desagradáveis devem ser eliminados dentro das instituições que ocorrem, fazendo com que as organizações e as pessoas que a formam decidam por enfrentar o problema de assédio e assim, o diminuindo ou o erradicando.

5. CONCLUSÃO

O presente trabalho se mostrou de fundamental importância para alertar sobre a ocorrência de assédios moral e sexual dentro dos estágios supervisionados da licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Ceará. As estagiárias são as que apresentam maiores índices de casos de assédio, além de terem maior número na categoria de assediadores, porém também foi demonstrado que ambos os sexos sofrem com o assédio.

Este trabalho pretende fomentar maiores discussões sobre a temática em ênfase e estimular que mais trabalhos relacionados ao tema sejam executados, abordando o assédio dentro e fora do contexto da Universidade. Além disso, espera-se que as IES tomem medidas formativas para os docentes e futuros professores lidarem com as situações de assédio, pois a manutenção da integridade física e moral também contribui na efetivação de uma prática docente exitosa.

6. REFERÊNCIAS

- ALVES, Gabriel Alexandrino. O assédio sexual na visão do Direito do Trabalho. **Jus Navigandi**, v. 8, n. 130, p. 97-122, 2003.
- BARRETO, Margarida Maria Silveira. **Assédio Moral: A violência sutil**. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Departamento de Psicologia Social, Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, p. 229, 2011.
- BUENO, Miriam Rezende. As inovações em escolas da rede pública e privada detectadas pelo olhar dos estagiários licenciatura. In: Encontro de Geógrafos da América Latina, X, 2005, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.
- BRASIL. **Lei nº 10.224, de 15 de 2001**. Código Penal Brasileiro, Brasília, DF, ago 2020.
- BRASIL. **Lei nº 13.467, de 13 de julho de 2017**. Comissão das leis trabalhistas, Brasília, DF, jul. 2017.
- CARAN, Vânia Cláudia Spot. Riscos Psicossociais e Assédio Moral no Contexto Acadêmico. Dissertação (Mestrado)—Universidade de São Paulo, 2007.
- CHECCHIA, Marcela Fernandes. A **dificuldade probatória do assédio moral no ambiente de trabalho**. 2016. Monografia (Graduação em Direito) — Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- COUTO, Thairiane Miranda.; PASCHOAL, Gustavo Henrique. A prática de "mobbing", a violação da dignidade humana e a intenção do agressor. **Revista Juris UniToledo**, v. 5, n. 02, 2020.
- CORREA, Bianca; PIOTTO, Débora. Formação inicial de professores e práticas de violência da escola: tensões vividas na realização e no acompanhamento. In: XXIII Simpósio Brasileiro de Política e Administração em Educação, 2007. **Anais...**Rio Grande do Sul: UFRGS, 2007.
- DAL-FARRA, Rossano André.; LOPES, Paulo Tadeu Campos. Métodos mistos de pesquisa em educação: pressupostos teóricos. **Revista Nuances: estudo sobre educação**, v. 24, n.3, p. 67-80, 2013.
- FREITAS, Maria Ester De. Existe uma saúde moral nas organizações?. **Organizações & Sociedade**, v. 12, n. 32, 2005.
- FREITAS, Maria Ester De. Assédio moral e assédio sexual: faces do poder perverso nas organizações. **Revista de Administração de Empresas**, v. 41, n. 2, p. 8-19, 2001.
- FREIRE, Paula Ariane. Assédio moral e saúde mental do trabalhador. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 6, n. 2, p. 367-380, 2008.
- GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. **Atlas**, São Paulo, 6. ed., p. 248, 2017.
- GOMES, Fabrício Pereira.; ARAÚJO, Richard Medeiros De. Pesquisa quanti-qualitativa em administração: uma visão holística do objeto em estudo. In: Seminário em Administração, VIII, 2005, São Paulo. **Anais...** São Paulo: FEA/USP, 2005.
- GUIMARÃES, Liliana Andolpho Magalhães; RIMOLI, Adriana Odalia. "Mobbing"(assédio psicológico) no trabalho: uma síndrome psicossocial multidimensional. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 22, n. 2, p. 183-191, 2006.

HELOANI, Roberto. Assédio moral: um ensaio sobre a expropriação da dignidade no trabalho. **RAE-eletrônica**, v. 03, p. 05, 2004.

LEVANDOSKI, Gustavo; OGG, Fabiano; CARDOSO; Fernando Luiz. Violência contra professores de Educação Física no ensino público do Estado do Paraná. **Motriz**, Rio Claro, v.17, n.3, p.374-383, 2011.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poésis**, v. 3, n. 3/4, p. 5-24, 2005.

MELO, Monica De. Assédio sexual: um caso de inconstitucionalidade por omissão. **Revista de Informação Legislativa**, v. 36, n. 143, p. 85-99, 1999.

MEURER, Bruna.; STREY, Marlene Neves. Problematizando as práticas psicológicas no modo compreender o fenômeno assédio moral. **Revista Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 32, n. 2, 2012.

OSÓRIO, Conceição. A socialização escolar: educação familiar e escolar e violência de gênero nas escolas. **Outras vozes**, n. 19, 2007.

PAIXÃO, Roberto Brasileiro.; MELO, Daniel Reis Armond.; SOUZA-SILVA, Jader Cristino.; CERQUINHO, Kleomara Gomes. Por que ocorre? Como lidar? A percepção de professores de graduação em Administração sobre o assédio moral. **Revista de Administração**, v. 48, n. 3, p. 516-529, 2013.

PEDROSO, Volnei Gonçalves; LIMONGI, Ana Cristina; MARTINS, Francisco de Assis Silva; HRDLICKA, Hermann; JORGE, Solemar Merino; CORNETTA, Vitória Keny. Aspectos conceituais de assédio moral: um estudo exploratório. **Rev Adm Saúde**, v. 8, n. 33, 2006.

SANTOS, Cecília MacDowell; IZUMINO, Wânia Pasinato. Violência contra as Mulheres e Violência de Gênero: Notas sobre Estudos Feministas no Brasil. **Estudios interdisciplinarios de América Latina y el Caribe**, v. 16, n. 1, 2014.

SOARES, Fernanda De Carvalho; DUARTE, Bento Herculano. O assédio moral no ordenamento jurídico brasileiro. **Fórum Trabalhista**, Belo Horizonte, n. 11, p. 21-45, 2014.

Submissão: 22/08/2020

Aceito: 24/09/2020

¹ Pedimos licença para apresentar essa introdução em primeira pessoa do plural, pois foi a partir destas vivências e inquietações que surgiu o Trabalho de Conclusão de Curso da primeira autora deste artigo, e que posteriormente incentivou a publicação desse artigo.

² http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13467.htm.

³ <https://epocanegocios.globo.com/Carreira/noticia/2017/07/reforma-trabalhista-indenizacao-por-dano-moral-sera-limitada-e-baseada-no-salario-da-vitima.html>.

⁴ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm.

⁵ Nesse artigo a Orientação sexual é definida como a atração sexual e/ou amorosa sentida por outros gêneros, sendo assim, adotou-se para as entrevistas três dessas características. Heterossexuais: para pessoas que

sentem desejo sexual e/ou amoroso por pessoas de gêneros diferentes; Homossexuais: para pessoas que sentem atração sexual e/ou amorosa por pessoas do mesmo gênero; Bissexuais: que sentem atração sexual e/ou amorosa dentro do espectro bissexual. O sexo biológico nesse trabalho é definido pelo gênero que o participante se identificou no momento da entrevista e/ou como identificou outras pessoas.

- ⁶ Existiam alguns participantes que vinham de outras Instituições, e assim, alguns destes fizeram o aproveitamento dos estágios já cursados nestas instituições anteriores.
- ⁷ Todos os agressores expostos na Tabela 4 fazem parte do âmbito escolar. Foi inserida a opção "outro" para representar possíveis agressores nas Instituições, porém, a única categoria extra que surgiu foi também relacionada a escola: porteiro.